

ESQUEMAS ESPACIAIS E EXTENSÕES METAFÓRICAS NA SEMÂNTICA DE PREPOSIÇÕES DO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO ¹

Aparecida de Araújo OLIVEIRA
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Esta é uma proposta de explicação cognitiva para a polissemia da preposição "sob" em usos do PB contemporâneo. Partindo-se de um esquema imagético básico, são descritos mecanismos cognitivos, como esquematização, mapeamentos metafóricos e mudanças de perspectivação, que conduzem a uma rede sistematicamente motivada, de extensão semântica, em forma de categoria radial.

ABSTRACT

This is a cognitive account for the polysemy of the preposition "sob" in real-use samples of modern Brazilian Portuguese. Departing from a basic image schema, I describe how cognitive mechanisms such as schematization, metaphorical mapping and alternate construal afford new uses in a systematically motivated semantic network structured as a radial category.

PALAVRAS-CHAVE: *polissemia motivada, preposição, metáfora conceptual, esquema imagético.*

KEYWORDS: motivated polysemy, preposition, conceptual metaphor; image schema.

0. Introdução

O que há em comum entre o gelo, o socialismo e o olhar de Djanira Machado? A pergunta, que me veio da primeira leitura de cerca de 800 resultados da busca de construções com a palavra "sob" na Internet (em que essas e outras expressões complementam a preposição é parte /224 de outra, mais ampla: que tipo de relação - ou relações - a preposição "sob" é capaz de evocar?

Essas questões são embasadas em alguns preceitos teóricos centrais, assumidos neste artigo. Primeiramente, a partícula deve ser compreendida como uma *unidade simbólica* (Langacker, 2004, 1987 e outros), em que uma estrutura fonológica evoca uma estrutura conceptual (em vez de evocar um objeto ou relação no "mundo real") e vice-versa. Embora o status de *unidade* esteja relacionado a um elevado grau de convencionalização em uma comunidade, em função do caráter experiencial de nosso sistema conceptual, as relações simbólicas são dinâmicas e isso permite o surgimento de extensões semânticas, que podem, por sua vez, convencionalizar-se ou não. Em segundo lugar, os múltiplos sentidos convencionalizados, associados à forma estudada, não representam um caso de homonímia, mas formam uma categoria polissêmica interconectada. E, finalmente, essa polissemia é coerente, sistemática e motivada, na medida em que os sentidos formam uma rede

que parte de domínios mais concretos para mais abstratos, e não o contrário (Sweetser, 1990: 18e30).

Subjacente aos enunciados das perguntas, existe, ainda, um problema central de análise semântica: distinguir entre um *sentido convencionalizado* e um *significado contingente*, esse último, fruto do contexto em que a palavra se insere. Em termos gerais, são esses os aspectos mais importantes que abordo neste trabalho, considerados sob a perspectiva da Lingüística Cognitiva.

Não apenas "sob", mas também as demais preposições da língua portuguesa são amplamente reconhecidas como itens lexicais² polissêmicos e, por conseguinte, fornecem um campo frutífero para estudos de multiplicidade semântica. Um exemplo recente pode ser encontrado em Poggio (2002), que apresenta uma pesquisa diacrônica, de viés funcionalista, sobre a gramaticalização de preposições, com base em corpora do latim (séc., VI) e do português arcaico (séc. XIV), em que as mudanças são tomadas como produto de pressões do discurso. /225

Assim como essa autora, entendo que a maioria desses sentidos não se estabeleceu ao acaso. Mas acrescento que é possível encontrar, no presente momento, exemplos que confirmem o papel ativo de nossa cognição na construção de redes de significados. Tomando uma perspectiva sincrônica, emprego o arcabouço teórico da Lingüística Cognitiva para explicar não os processos de gramaticalização, mas a maneira como alguns usos correntes se constituem como extensões metafóricas de outros. Assumo, desde já, que esse fenômeno é abundante em nossa língua e, como exemplo, a análise que apresento mais adiante focalizará usos correntes (espaciais e não espaciais) da

preposição "sob" do português do Brasil (PB).

Notadamente entre lingüistas cognitivos, a polissemia de itens lexicais tem sido descrita sob a forma de categorias .naturais (ver Lakoff, 1987). O estudo de Brugman (1981), sobre os diversos sentidos da palavra "*over*", é um clássico sobre o tema. Nesse estudo, a autora demonstrou como os inúmeros sentidos encontrados se relacionam sistematicamente e, assim, propôs formalmente que eles constituem uma categoria natural de conceitos, estruturada radialmente a partir de um sentido espacial central.

Mais recentemente, Tyler e Evans (2003) apresentaram um estudo amplo sobre a polissemia de preposições espaciais na língua inglesa, também em termos de categorias estruturadas radialmente a partir de um sentido espacial sancionador. Por *sentido sancionador*, entende-se aquele esquema que, por processos cognitivos diversos, dá origem a, ou *sanciona*, outros usos (Langacker, 1987). Através de um Modelo de Polissemia Sistemática, Tyler e Evans se dispuseram a descrever, entre outras coisas, o tipo de informação necessária para a interpretação dos diversos sentidos das partículas espaciais do inglês.

Esses dois trabalhos influenciaram, parcialmente, a proposta de investigação dos usos da preposição "sob" que apresento aqui, levando em conta, obviamente, as diferenças entre o português e o inglês. Assim, por exemplo, enquanto "sob" pertence apenas à categoria das preposições, a maioria dos itens lexicais estudados por esses autores são também /226 advérbios ou, ainda, uma partícula em um verbo frasal. Isso determina, exceto pelos sentidos convencionalizados, que a análise e a estrutura radial que apresento sejam pesadamente dependentes do

contexto, sugerindo que o "sob" evoca noções mais abstratas. Outra distinção importante está na análise realizada aqui, a qual procurei basear, totalmente, em usos atestados da língua. A estrutura geral da rede, contudo, aproxima-se dos modelos mencionados, possuindo um sentido sancionador na posição central e expandindo-se radialmente por meio de grupamentos de sentido.

A compreensão dos sentidos convencionalizados como categorias abertas advém da própria definição de significado fornecida pela Linguística Cognitiva: as expressões linguísticas não detêm significado em si mesmas; apenas quando em uso, elas são capazes de evocar informações sobre entidades ou relações que fazem parte do conhecimento que um falante detém sobre o mundo. O conjunto dessas informações interligadas é freqüentemente denominado *conhecimento enciclopédico*, em oposição à noção objetivista de lista *de significados* ou *dicionário*. Obviamente, apenas uma parte desse conhecimento é ativada a cada evento de uso da língua, nos quais as expressões linguísticas evocam entidades que funcionam como *pontos de acesso* para essa nossa rede individual de conhecimento (Langacker 1987: 163).³ Como esses pontos variam em função das circunstâncias em que o discurso decorre, temos aqui uma visão altamente dinâmica do processo de criação de sentido, ou seja, da conceptualização.

Contudo, mais relevante ainda talvez seja o fato de, para a Linguística Cognitiva, o significado linguístico ser considerado apenas mais um componente - embora mais complexo - da cognição humana geral e depender do mesmo tipo de habilidades básicas (por exemplo, a abstração, a esquematização, a categorização, a perspectivação e a

imaginação,⁴ envolvidas na cognição que não se expressa por meio de palavras (Johnson, 1987; Lakoff e Johnson, 1999; Langacker, 1991 etc.). Em resumo, compreendido dessa maneira o processo da conceptualização, a semântica corresponde, justamente, ao conjunto das estruturas *conceptuais* que são /227 pelas formas lingüísticas. A seguir, apresento definições mais aprofundadas desses conceitos, relacionando-os ao tema:perseguido neste trabalho.

1. Conceptualização

1.1. Esquemas

Na perspectiva da Lingüística Cognitiva, um conceito é equiparado à noção de *esquema*, uma abstração formada por padrões recorrentes em nossa experiência, os quais compõem nossa memória e estruturam toda a nossa cognição (Langacker, 2004: 11). Em outras palavras, esses padrões contêm informações sobre toda sorte de fenômenos que experimentamos, objetos que percebemos, ações, que praticamos e até concepções que elaboramos, formando o já mencionado *conhecimento enciclopédico* do falante (Johnson, 1987:29).

Por ser abstraído de várias situações semelhantes, um esquema não se refere a qualquer instância de uso em particular e, como mencionado anteriormente, tampouco diz respeito exclusivamente à nossa capacidade lingüística. Por meio dessa recorrência, um padrão se torna *entrenchado* (Langacker, 2000b, 1987), ou seja, o falante é capaz de recuperá-los e utilizá-los automaticamente.⁵

Essa nova visão do significado lingüístico deve muito ao trabalho de Mark Johnson. Em sua obra *The body in the mind*, ele propõe que a

cognição começa com nossa experiência corpórea, pré e não-lingüística, com o ambiente, quando são formados *esquemas imagéticos* (p. xix, 21-40). Alguns deles são abstrações originadas da percepção (em suas diversas modalidades, mas especialmente da visão, devido à proeminência desse sentido em nossa existência) de nosso corpo no espaço (por exemplo, 'da experiência de estar de pé ou de entrarmos em uma sala), enquanto outros emergem da maneira como compreendemos objetos. Essas experiências se organizam como *Gestalts*, todos unificados com partes - ou entidades - relacionadas entre si. *Contêiner, parte-todo, centro-periferia* e *trajeto* são /228 alguns exemplos desses esquemas imagéticos sinestésicos básicos, descritos pelo autor. Um outro esquema, o de *verticalidade*, vai nos permitir, mais tarde, elaborar o sentido espacial da palavra "sob".

Além de sermos geneticamente dotados da capacidade de esquematização, também podemos assumir diferentes pontos de vista e orientações em relação a uma cena espacial (ver Langacker, 2001, sobre a aproximação entre visualização e conceptualização), podemos ser observadores externos ou internos à cena conceptualizada, podemos concentrar nossa atenção em uma faceta ou outra da cena, etc., Em consequência, os esquemas que formamos também variam substancialmente.

Utilizarei um uma cena doméstica e bem imediata para explicar como isso se dá. Por exemplo, diante de mim, vejo uma pilha de livros: o volume *Processos de gramaticalização* está sob *The body in the mind*. Como a pilha ainda está excepcionalmente organizada, de onde me encontro, identifico as duas obras apenas pelas suas lombadas, já que os volumes

estão aproximadamente no meio da pilha. Imaginemos, agora, que eu me curvasse para apanhar o lápis que rolou para o chão e olhasse a mesma cena com a cabeça voltada para baixo. Desse novo ponto de vista, eu perceberia outro arranjo, com o livro de Poggio ficando sobre o de Johnson.⁶ A inversão da orientação vertical mudou a conceptualização da cena, exigindo, na expressão lingüística da relação, uma nova forma: "sobre". Por essa razão, a orientação espacial será considerada um critério na definição dos sentidos distintos, como se verá mais adiante.

Voltando à pilha de livros, mantendo-me como observadora externa à cena, tenho acesso às duas entidades e à relação existente entre elas, no eixo vertical, sem grandes alterações, independentemente do local em que eu esteja na sala. Entretanto, não será possível identificá-los visualmente caso eu olhe a cena de cima para baixo, visto que, no topo da pilha, está *Cognitive Grammar*, que é maior que os outros dois. A mudança se deu porque, como observadora, passei a incorporar a cena de algum modo, com o livro maior se interpondo entre mim e os que estão abaixo dele. Um novo efeito visual ocorreu: a *ocultação* dos dois primeiros livros mencionados, os quais estão sob o volume de Taylor, /229 Como se verá na análise, mesmo não implicando um sentido convencionalizado para a preposição "sob" isoladamente, esse efeito motivará construções específicas em domínios não espaciais, por exemplo, "sob sigilo".

A emergência de novos usos de uma forma deve-se, também, à própria estrutura dos esquemas imagéticos básicos. Johnson demonstra como as configurações espaciais neles existentes geram conseqüências, as quais ele e George Lakoff denominaram *vinculações* ("entailments"). Na

verdade, são os resultados inerentes e naturalmente perceptíveis dessas experiências espaciais. Em **um** esquema de contêiner, por exemplo, a localização do objeto contido depende inerentemente da localização da entidade que o contém. Outra vinculação é o sentido de *suporte* fornecido por **um** objeto localizado debaixo de outro. Vinculações dessa natureza geram novos sentidos, como fica demonstrado a seguir.

(1) *Em treze itens, o chefe [; arcebispo] anotara: (...) 3 - O missal não é para apoiar c copo.*

(2) *Utilize nossa biblioteca para encontrar o artigo científico que você procura. Contamos com seu apoio para ampliá-la constantemente.*

(3) *...Penn used a moment to sip her coffee Gab! She thought, that stuff would take the paint off a car. She quickly placed the cup on the newspaper pile ... (Penn tirou um instante para tomar **um** gole do seu café. "Eco!" - ela pensou. "Essa coisa removeria a tinta de **um** carro." Ela rapidamente colocou a caneca sobre a pilha de jornais ...)*

(4) *Remember, elected officials are always aware of upcoming elections and want to count on your vote. (Lembre-se: funcionários públicos eleitos estão sempre atentos a eleições a caminho e desejam contar com seu voto.)*

Observamos que um mesmo item lexical ou pelo menos um mesmo radical ocorreu em cada par (1) e (2); (3) e (4), sendo que os falantes utilizaram a estrutura de conceitos do domínio concreto para organizar sua experiência conceptual em domínios abstratos. Entre os elementos comuns mapeados, encontra-se a relação de *suporte* (no

domínio físico, o missal (não) deve ser usado para garantir a posição vertical do copo; a pilha de jornais serviu de anteparo ou apoio para a caneca), uma vinculação oriunda de nosso conhecimento a respeito da Lei da Gravidade e das propriedades físicas das entidades envolvidas, conceito esse que relacionamos ao de *suporte abstrato* (se depender de mim, o projeto da biblioteca será mantido, o político será eleito). Ele está presente em todos os exemplos, mesmo de idiomas diferentes, o que mostra, inclusive, um recorte semelhante na base conceitual das duas culturas. Na língua portuguesa, duas categorias lexicais distintas ("apoiar" e "apoio") estão envolvidas e, na língua inglesa, o processo deu origem a usos distintos de um só *on* dentro da categoria das preposições ("on").

1.2. Metáforas Conceptuais

Os usos não espaciais descritos acima dão mostra de uma de nossas capacidades cognitivas. Os sentidos expressos em (2) e (4) são *extensões metafóricas* dos usos espaciais. Uma *metáfora conceptual* refere-se ao compreender e vivenciar uma coisa em termos de outra (Lakoff e Johnson 2003 [1980]: 5,13), o que ocorre pelo mapeamento parcial da estrutura de esquemas de um domínio mental para Outro de natureza diferente, da experiência física para a organização de noções abstratas (e nunca o inverso (Sweetser, 1990; Grady, 1997). O domínio cognitivo que fornece a linguagem e os esquemas imagéticos é conhecido como domínio *fonte*, e o que contém o tópico a que se faz referência é o domínio *alvo*.

Esse processo nos permite compreender vários aspectos de nossa

existência, tais como o tempo, comportamentos, estados psicológicos, etc., através de conceitos que originalmente dizem respeito a fenômenos físicos. Além disso, nesse quadro teórico, os processamentos metafóricos possuem *status* primordial, sendo considerados normais e recorrentes no nosso sistema cognitivo e não apenas um recurso de estilística. Porém, por ser a linguagem uma instância do sistema cognitivo geral, ela pode servir como reflexo do que ocorre na cognição humana como um todo. /231

Grady (1997) foi um dos que aprofundaram o conceito de metáfora conceptual, visando a demonstrar a sistematicidade dos mapeamentos entre domínios. Segundo esse autor, mapeamentos metafóricos podem ocorrer devido ao fenômeno que denominou *co-relação de experiências*. Com muita frequência vivenciamos episódios básicos (marcados pela intencionalidade), delimitados no tempo, nos quais percebemos uma forte co-relação entre uma "circunstância física" e uma "resposta cognitiva" (gerada por uma capacidade inata). Essas co-ocorrências acabam por gerar uma associação natural entre as duas dimensões, a ponto de associarmos o esquema do domínio físico a outra situação vivenciada em outro domínio, a qual gere uma resposta cognitiva semelhante. Por exemplo, em nossa cultura, passamos a conceptualizar "dificuldade" empregando esquemas de "peso" quando associamos a sensação de desconforto e tensão tanto ao ato de levantar um peso como ao de superar uma dificuldade. Em nossa língua, então, referimo-nos a uma "tarefa pesada" ou a "ser um peso para alguém". Essas já são metáforas convencionalizadas, que todos entendemos sem conscientemente evocarmos qualquer experiência física.

Sweetser (1990) investigou um caso dessa natureza, particularmente relevante para este estudo. Ela descreveu como o conceito de "ver" se associa ao de "saber / conhecer" em diversas culturas, em vários momentos históricos. Como os olhos são "a" porta, por excelência, para a entrada de informações sobre o mundo a nossa volta, acabamos por associar a noção de "conhecer" a esquemas de percepção visual, mesmo quando esta não está envolvida. Evidências lingüísticas, também em nossa cultura, são abundantes: "estou vendo bem onde você quer chegar com essa discussão", "ele ainda não enxergou a solução", etc. Esse fenômeno, em particular, será retomado mais tarde, em associação a construções como "sob análise".

Entre os tipos de metáforas descritos por Lakoff e Johnson (2003 [1980]:25), as metáforas ontológicas são aquelas que derivam de nossa experiência com objetos e substâncias. Temos uma tendência natural a "conceptualizar eventos, atividades, emoções e idéias como entidades ou substâncias. É o modo como podemos quantificá-los, dividi-los em partes, /232 enfim, proceder, com eles, uma série de operações cognitivas que realizamos com objetos e substâncias. Assim conceptualizados, é possível *percebermos* algum tipo de *semelhança* física ou abstrata entre os esquemas dos dois domínios. Esse processo, denominado *semelhança perceptual*" (Tyler e Evans, 2003:32-3), tem sido investigado como motivador para metáforas conceptuais. Abaixo, há, temos exemplos nos quais algumas atividades foram conceptualizadas como entidades e, a partir daí, houve uma associação de conceitos em função de semelhanças percebidas.

Uma das experiências mais básicas e primitivas que temos com o

nosso ambiente é o cair da chuva. Esse fenômeno meteorológico é uma experiência muito elementar que temos com os efeitos da Gravidade e com a verticalidade. Mas há outro componente importante a ser destacado, qual seja, o fato de a palavra "chuva" evocar, muito comumente, uma entidade física constituída por incontáveis partículas minúsculas, o que acaba por permitir seu emprego em contextos espaciais distintos e mesmo em contextos abstratos, evocando o conceito de "entidade múltipla".

(5) *Ensaio técnico sob chuva contagiou foliões.*

(6) *Vivemos sob uma chuva ininterrupta de imagens.*

Da mesma forma, outras entidades não físicas que são naturalmente conceptualizadas como múltiplas - em especial, ações iterativas - prestam-se para uso com "sob", ao evocarem a ação dessas entidades sobre outra(s). Entendo que os dois elementos - multiplicidade (semelhança perceptual) e uma certa impotência daquele atingido pelo fenômeno (correlação de experiências) - dão coerência aos mapeamentos chuva > aplausos e chuva > valas

(7) *Tim Lopes é sepultado sob aplausos.*

(8) *Brasil deixa Alemanha sob vaías.*

(9) *Choveram aplausos para Alexandre e Diana.* /233

A compreensão de como esses esquemas se constituem permite-nos compreender de que maneira ocorrem as projeções metafóricas que dão origem a novos sentidos. Intuitivamente, percebemos semelhanças ou padrões regulares de alguma ordem entre situações distintas porque,

mesmo tendo níveis de abstração distintos, muitas dessas situações possuem *uma Gestalt*, ou estrutura, comum (Johnson, 1987; Lakoff, 1987; Lakoff e Johnson, 2003[1980]). É o que se pretende demonstrar na análise de amostras de uso corrente da preposição do PB, coletadas na Internet, através da ferramenta de busca Kwic Google ®. Tal proposta vai ao encontro do modelo de descrição lingüística "baseada no uso", de Langacker (1987 e outros).

2. Sentido das preposições

No português e nas línguas românicas em geral, as preposições substituíram a morfologia de caso e assumiram sua função relacional (Câmara Jr., 1976; Pottier, 1962). Sob a ótica cognitiva, isso implica que, como em toda unidade semântica, esquemas de preposições são constituídos por facetas, entre as quais uma ou mais são dotadas de maior saliência que as outras; neste caso, o papel relacional entre duas entidades, um *vetor*- VR (em inglês, *trajectory*) e um *marco*- MR (*landmark*) (Taylor, 2002: 192- 5). Esses construtos, originalmente apresentados por Langacker (1987 e outros), são baseados nas noções de figura e fundo *da Gestalt*. O MR (fundo) é uma entidade que se destaca na estrutura relacional, mas não tanto quanto a outra, freqüentemente menor e de maior saliência, o VR (figura), à qual serve de contraponto. Adaptando um exemplo de Taylor (2002:205-6; Langacker, 1987), dizemos que, na construção "o quadro está acima do sofá", existe uma relação no domínio do espaço vertical, em que "quadro" se constitui no foco da atenção e "sofá" tem proeminência secundária. Se optarmos por destacar o sofá, como em "o sofá está sob o quadro", inverteremos a concepção

da mesma cena, relativamente à mesma orientação vertical. Claramente, também, a inversão da orientação vertical produziria uma inversão da conceptualização, como discutido na seção 1.1. /234

Nem sempre o sentido exato da relação pode ser evocado apenas pela preposição. Isso é particularmente verdadeiro com relação às preposições denominadas "fracas" (Lima, 1984:26). Nesses casos, a natureza do MR e a do VR especificam o significado que emerge em cada uso particular. Cada significado de "em" nos exemplos abaixo é baseado nas diferentes propriedades inerentes a *olhar* e *mão* (Oliveira, 2005).

(10) *Tinha o olhar no copo.* (na direção do copo)

(11) *Tinha a mão no copo.* (em contato com o copo)

Por essa razão, ao analisarmos o valor semântico de um item lexical, é necessário distinguir entre sentidos convencionalizados (entrincheirados na memória da maioria dos membros de uma comunidade lingüística) e aqueles significados construídos na situação de uso, com a participação do contexto. A preposição "sob" é uma das que permitem uma definição mais clara dos sentidos convencionalizados que expressa, embora esses pareçam ser poucos.

Como exposto nas seções anteriores, por semelhança perceptual, por co-relação de experiências ou por força de vinculações, um uso espacial sanciona outros sentidos (Langacker, 1987). A esse respeito, embora não existam garantias de que o primeiro uso registrado na escrita represente o primeiro uso efetivo na língua, a lingüística histórica pode fornecer indicações importantes de sentidos espaciais dos quais possam ter

emergido outros integrantes da rede semântica.

Poggio (2002:222-5) resume as origens históricas da preposição "sob", cujo antecedente latino era "sub", que, mais tarde, tornou-se "su", "so" e "sê" no português arcaico (Cunha, 1991⁷ *apud* Poggio, 2002). Ela apresenta a versão de dois outros autores para as raízes mais antigas do termo: de acordo com W. Lindsay (1937: 151), ⁸ "sub" evoluiu do indo-europeu "upo", com um prefixo *s-*. Já E. Faria (1958:264)⁹ propõe a junção de duas preposições originais do indo-europeu, "eks-upo". A descrição do significado, todavia, começa já com a forma latina. Na /235 aceção especial, tem-se "debaixo de, com idéia de movimento", "para baixo de, com idéia de movimento",¹⁰ "ao pé de" (com e sem movimento), "ao fundo de". Em geral, a forma era empregada com o sentido "embaixo de", e, já no latim, foram registrados usos não espaciais que vemos no PB moderno.

Pottier (1962:284) apresenta uma descrição semântica mais elaborada dos sentidos de "sub" no latim, em três domínios ou "campos". No domínio espacial ("*sub* terra habitare" = habitar no subterrâneo), os sentidos são "debaixo de" e "abaixo de". Na aceção temporal, há duas possibilidades: "imediatamente posterior" ("*sub* adventum" = logo após a chegada) e de "duração" ("*sub* noctem" = durante a noite). Finalmente, ele descreve usos no domínio nocional ("subamarus" = quase amargo), que evocam o sentido de "que não atinge o limite". Esse breve apanhado histórico tem o intuito de demonstrar que além do papel relevante no português atual, o uso espacial convivia com outros sentidos em fases diversas da evolução lingüística.

3. Metodologia

Em consonância com meu objetivo central neste artigo, de descrever como os usos da preposição, em sentidos convencionalizados ou não, relacionam-se por meio de processos metafóricos sistematicamente motivados, inicio descrevendo como foi definido o *sentido sancionador*. Como em outros trabalhos (Tyler e Evans, 2003, por exemplo), trata-se de um esquema imagético, derivado da experiência sensório-motora, que pode ser encontrado em usos *modernos* do PB. Não se trata de perseguir o caminho diacrônico até os usos atuais. O que proponho é apresentar, por meio da análise de uso dessa partícula no português moderno do Brasil, relações possíveis entre conceitos de domínios cognitivos distintos, que se estruturam, pelo menos parcialmente, de maneira semelhante. /236

3.1. Delimitando o sentido sancionador

Os critérios apresentados abaixo são parcialmente baseados no Modelo de Polissemia Sistemática, de Tyler e Evans (2003).

- O sentido sancionador é, necessariamente, espacial, posto que conceitos desse domínio estruturam outros tão básicos como o próprio "tempo", em vários idiomas, inclusive no português (Pontes, 1992:69).
E isso é válido para a linguagem humana como um todo (Lakoff e Johnson, 1999, p. 139).
- Por se referir a experiências básicas do domínio espacial, que marcam nossa existência filogenética, um sentido sancionador deve, muito

provavelmente, ser o de uso confirmado mais antigo. Em outras palavras, os esquemas espaciais básicos advêm da simples experiência de estar no mundo e, portanto, é totalmente razoável que sentidos espaciais modernos sejam remanescentes desses mesmos esquemas.

- Os sentidos sancionadores normalmente aparecem em estruturas compostas (Tyler e Evans 2003). No PB, nós encontramos a forma "sub", no sentido espacial de "em posição inferior a", formando substantivos ("subsolo", "sub-base"), adjetivos ("submarino", "sublingual") e verbos ("sublinhar", "submergir"). Curiosamente, uma consulta informal ao *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa (2004)* revelou um número muito maior de compostos com "sub" no sentido nacional a que Pottier (1962) se refere ("subliteratura", "submeter", "subdesenvolvido")
- Parece haver alguns subgrupos de preposições na categoria mais ampla de preposições espaciais que permitem algum tipo de contraste em uma ou outra dimensão - por exemplo, no eixo vertical. Esse é mais um critério para o sentido sancionador e se aplica a "sob" e "sobre".

Portanto, o sentido de "em posição inferior a" é um forte candidato a sentido sancionador..

- De acordo com a própria definição de um sentido sancionador, é necessário que ele dê origem, direta ou indiretamente, a todos os demais /237 sentidos da rede, sem exceção. Assim, para qualquer sentido derivado diretamente de um sentido sancionador, será necessário encontrar usos em que se observe algum tipo de

motivação sistemática para a origem do sentido ou uso que constitua o próximo nóculo da rede. Esse critério será verificado na análise.

3.2. Sentido convencionalizado e sentido sancionado r

Sendo o sentido sancionador obrigatoriamente convencionalizado, início por assumir que os *sentidos convencionalizados* se equiparam a esquemas com uma configuração que não possa ser deduzida a partir de outros termos presentes na construção. É o que se observa nos dois exemplos abaixo, em que o sentido da "localização inferior do VR em relação ao MR" deriva da preposição e de nenhum outro componente da frase.

(12) *Quem sofre com o frio do inverno e não consegue adormecer, pode colocar uma bolsa para água quente sob os pés quando for para a cama*

(13) *Não utilizar bolsas de água quente sobre os pés.*

De início, podemos detectar um componente de orientação vertical nas configurações espaciais evocadas, o que nos permite encontrar, facilmente, um sentido oposto. A orientação vertical é, sem dúvida, um esquema sinestésico básico, uma estrutura abstrata que, segundo Johnson (1987: xiv), emerge de inúmeras repetições de experiências, como a sensação de estar de pé, ou de observar o movimento de um objeto em queda livre, por exemplo. Esses são "conceitos diretamente emergentes" (Lakoff e Johnson, 2003 [1980] :81). Nos exemplos (12) e (13) acima, as relações entre as entidades são simétricas quando as cenas são

"visualizadas" a partir de um só ponto de vista.¹¹

Uma configuração espacial semelhante à encontrada em (12) pode ser reconhecida nos exemplos (14) a (16) abaixo, com o MR sendo uma entidade do domínio físico, espacialmente situado acima do VR, havendo, /238 ou não, contato entre esses. Esses usos permitem inferências que serão discutidas na análise.

(14) *Autoridades australianas descobriram **sob a saia de uma mulher** 51 peixes tropicais vivos.*

(15) ***Sob os pés** a terra mole cede, cobrindo os joelhos do menino e os tornozelos do pai.*

(16) *Fechei os olhos, e a verdura respirava, viva **sob a minha mão** - oferecendo-se ao meu toque na quietude daquele abrigo -, simples, útil e plena em sua nobre e efêmera finalidade de alimentar a minha espécie.*

Sugiro, então, a seguinte representação gráfica para o esquema ou sentido sancionador:



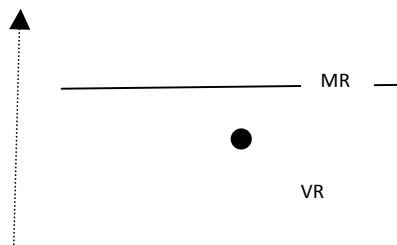


Fig. 1: Esquema imagético para a preposição "sobre" no sentido de "em posição inferior a". A seta à esquerda indica a orientação vertical contrária à força da gravidade. MR e VR podem, ou não, estar em contato direto.

4. Análise e discussão

A partir de agora, tem início uma análise mais detalhada dos exemplos encontrados na Internet, com a ferramenta Kwic Google, os quais serão categorizados em grupamentos, em função dos elementos que os unem, direta ou indiretamente, ao esquema espacial central descrito na figura 1.

Na tentativa de tornar a análise mais didática, como se observará, para cada grupamento de sentidos,¹² será dado um exemplo de uso /239 espacial no qual podemos inferir um efeito envolvendo algum aspecto da conceptualização descrito até aqui.

A seguir, apresento construções contendo termos que definem o próprio grupamento ("sobre controle", "sobre a forma de", etc.).

E, finalmente, quando encontrados, são introduzidos exemplos nos quais seja possível evocar o sentido indiretamente. Aí se incluem os casos em que o MR do domínio abstrato se estrutura como uma

entidade do domínio físico (metáfora estrutural), por exemplo, "o aborto sob o socialismo". Aspectos relevantes do conceito "socialismo" - *controle*, em alguns casos, *repressão*, *formação* de idéias - são percebidos como semelhantes ao de uma entidade física, e, por isso, os mapeamentos ocorrem entre os domínios.

É importante destacar, mais uma vez, que, por força da definição de *sentido convencionalizado* apresentada na seção anterior, que determina a não dependência do co-texto, grande parte da análise apresentada a seguir contém combinações normalmente encontradas no PB, que refletem um *significado distribuído*. Assim, a análise diz respeito às possíveis razões que nos fazem conceptualizar as entidades envolvidas com mapeamentos originados no domínio físico. Outrossim, são descritos sentidos convencionalizados distintos, sejam eles pertencentes ao domínio espacial - mas sem a mesma orientação vertical -, sejam empregos metafóricos que independem do contexto. Esses últimos, todavia, parecem ser escassos.

GRUPAMENTOS DE SENTIDOS

4.1. Ameaça potencial

USO ESPACIAL: Na cena abaixo, a situação de risco decorre da natureza do MR (a laje quebrada ao meio). Obviamente, o perigo é previsível, nesta e em outras situações semelhantes, a partir da experiência – direta ou relatada - que temos sobre o assunto. /240

(17) *Além do risco às pessoas que trabalhavam sob a laje quebrada ao meio, os*

cinco peritos queriam evitar mais danificações às bastes e ao resto do pilar.

EFEITO EXPLÍCITO: Projetando o potencial percebido de dano do domínio físico para outros domínios, encontramos expressões comuns na língua portuguesa com a preposição "sob" e palavras como "risco", "ameaça". Essa projeção será considerada como consequência de *co-relação de experiências* (Grady, 1997), uma vez que a sensação de ameaça é uma resposta cognitiva bastante comum, mas não necessária à experiência de uma cena espacial com a configuração "VR sob MR".

(18) *Pesquisa da ONU revela que jovens estão **sob alto risco**.*

(19) *CNN completa 20 anos **sob ameaça da Internet**.*

(20) *Proibida a comercialização de lote de medicamento **sob suspeita**.*

Nesses e em muitos dos demais mapeamentos metafóricos derivados por entrincheiramento de vinculações ou de co-relação de experiências, o efeito aparece explícito, ele próprio caracterizado como MR. Esse dado corrobora a idéia de que os efeitos derivam das cenas espaciais como um todo, e não estão convencionalizados exclusivamente na preposição.

4.2. Cobertura

4.2.1. USO ESPACIAL 1: Assumindo um "VR em posição inferior ao MR", são recorrentes as situações em que o MR é mais extenso e cobre o VR, total ou quase totalmente, como no exemplo (21).

(21) O *cabeamento* passa **sob o solo**.

Algumas perspetivações alternativas podem ter implicações contextuais distintas. Uma seria, por acaso, o conceptualizador vir a integrar a cena, e o MR se situar entre ele e o VR, por exemplo, /241 visualizando a cena (21) de cima para baixo. Nesse caso, inferida do contexto, teríamos a idéia de que o conceptualizador não tem acesso visual ao VR, em função da opacidade do MR.

SENTIDO CONVENCIONALIZADO: Com a recorrência de tais situações, o sentido "coberto por" se convencionaliza e a orientação vertical deixa de ser relevante, bastando apenas que o MR se situe entre o conceptualizador e o VR, como em (22). Evidência mais forte vem do uso em (23). Esse novo sentido distingue-se do sancionado e especialmente porque não carece da mesma orientação espacial.

(22) *Museu encontra pintura inédita de Edvard Munch sob outro quadro do artista.*

(23) ... *A porta da cozinha, descobri esses dias, transformou-se em pó sob a tinta.*

Esse efeito vem a se expandir ainda mais, permitindo um MR que envolve totalmente o VR.

(24) *A Sedec orienta que os moradores dessa parte do País evitem fazer fogueiras e que os motoristas mantenham atenção máxima ao dirigirem em estradas sob fumaça ...*

EFEITO EXPLÍCITO: Embora a noção de "ocultação" derivada da cena como um todo não tenha gerado um sentido convencionalizado

para "sob", sua recorrência em co-relação com a configuração espacial gerou construções em que esse efeito aparece como MR de "sob", em domínios não espaciais.

(25) *Os 57 inquéritos abertos tramitam **sob segredo de Justiça**.*

(26) *Causa da morte de Arafat continua **sob sigilo médico**.*

Em domínios abstratos, não foram encontrados exemplos em que o sentido de "escondido por" derivasse exclusivamente da preposição. A /242 noção de ocultação é evocada, no exemplo (27), pela oração "*cujo corpo tinha sido enterrado como indigente*", além, evidentemente, do próprio contexto extralingüístico, já que um forte componente desse domínio é o segredo que permeou as mortes de ativistas durante o regime militar no Brasil. Se compararmos (27) e (28), fica evidente que o sentido convencionalizado é mesmo "coberto por", uma vez que, no segundo uso, a noção de ocultação não é evocada. O emprego de "sob" com "nome" é motivado por um processo de conceptualização da coisa expressa pelo sintagma nominal como uma espécie de capa. A estruturação de "nome" por meio de esquemas de objetos está presente em expressões metafóricas como "limpar o nome", "construir um nome", "emprestar o nome", etc. Assim conceptualizado, o sintagma recebe da preposição a noção de "cobertura".

(27) *Nessa documentação, a Auditoria é informada da morte de Flávio, cujo corpo tinha sido enterrado como indigente, em 9 de novembro de 1971, no Cemitério Dom Bosco, em Perus, **sob o nome** de Álvaro Lopes Peralta.*

(28) *No caso "do" médico prescrever o medicamento **sob o nome comercial** e não*

desejar a intercambialidade, a restrição deve ser efetuada pelo prescriptor...

4.2.2. USO ESPACIAL 2: A noção de "cobertura" pode ser conceptualizada de outra forma. Desta vez, o conceptualizador está externo à cena. Como resultado, o efeito de ocultação, mesmo com um MR opaco, não é focalizado. Contudo, outra consequência recorrente da configuração espacial é evocada por construções com "sob": o fato de o VR ser, de algum modo, protegido pelo MR das influências do ambiente externo. Cria-se, aí, uma co-relação da experiência espacial com a noção de proteção que o MR fornece ao VR. Normalmente, nesses casos, o VR e o MR não precisam estar em contato. Neste exemplo, a idéia de proteção (contra o calor do sol) é evocada por nosso conhecimento sobre a natureza de "árvores". /243

(29) *Sob as árvores do bosque (...) cerca de cinco mil pessoas participaram da formatura da turma 118 da Faculdade de Medicina, que homenageou o médico e ex-prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro.*

O exemplo a seguir reforça essa idéia de que, como em 4.2.1, a orientação vertical não é necessária.

(30) - *Olá, Batman! - diz a doutora Mann, uma loira de pele pálida, magra, olhos verdes escondidos sob os óculos de aro fino, já conhecida do morcego de outros casos.*

EFEITO EXPLÍCITO: O efeito físico observado nessas circunstâncias leva à estruturação do conceito de "proteção" como uma espécie de cobertura e ocorre explicitamente nos casos abaixo:

- (31) O que significa "*Áreas **sob** proteção especial*"?
- (32) *Uso dos telescópios **sob** cuidado do LNA consta do relatório.*
- (33) O conceito de serviço público abrange todas as atividades de interesse geral exercidas **sob a égide** dos poderes públicos.
- (34) *Sob as bênçãos de Ari Barroso [samba & choro]*

Mais abstratamente, mas ainda com inferências fornecidas pelo contexto, podemos compreender "sociedade" como uma entidade maior a proteger cada um de seus membros. Fato semelhante ocorre com "senha", conceptualizada como uma espécie de barreira de proteção contra o acesso indiscriminado.

- (35) O que permanecerá é o compromisso com a liberdade, como semente vital para que germine uma sociedade melhor do que esta **sob a qual vivemos**.
- (36) Se tem cuidado com arquivos importantes, com dados particulares, torne-os acessíveis somente **sob senha!** /244

4.3. Pressão

4.3.1. USO ESPACIAL 1: Por menor e mais leve que seja um MR no domínio físico, sabemos, tão simplesmente pelo conhecimento que detemos sobre a Lei da Gravidade, que, caso o VR esteja em contato direto com o MR, este exerce uma *pressão* de cima para baixo sobre aquele. Essa é uma vinculação importante do esquema sancionador - também presente no esquema de "sobre". Muitas vezes, a pressão nem é

percebida, mas, com certeza, ocorre com frequência suficiente para gerar uma co-relação de experiências no nível conceptual. No uso espacial abaixo, podemos observar que a elevada pressão sobre o VR determina o total *controle* do VR pelo MR.

(37) *Sob a caixa d'água prendia-se a vítima de tal maneira que esta não conseguia mexer sequer a cabeça.*

EFEITO EXPLÍCITO: Os dados forneceram vários termos possíveis de combinação com a preposição "sob", em cuja leitura final pode ser percebida a noção de *controle* do MR sobre o VR.

(38) O governador Cláudio Lembo (PFL) diz que está tudo **sob controle** e recusa ajuda federal.

(39)...não se fale de fumar zonas onde estão as grandes produções de coca, marijuana e papoula, como Urabá e outros territórios **sob domínio paramilitar**.

(40) Mamberti participou do início das atividades da emissora, com o teleteatro “Amores e Licores”; de 1969, **sob a direção de** Antonio Abujamra.

(41) A segurança da navegação, nas águas **sob jurisdição nacional**, rege-se por esta Lei.

Em algumas construções fixas com "sob", a noção de controle é menos transparente. Os agentes não estão explícitos, mas todas as ações nominalizadas incorporam uma faceta de controle sob a situação descrita: o médico controla o acesso a um certo medicamento, um cliente controla (como pagador e escolhedor) o vídeo que deseja adquirir, o mesmo ocorrendo com o produto PS3, cuja venda é influenciada, ou

determinada, pela ação dos potenciais clientes.

(42) *Qualquer propaganda, publicidade ou promoção de medicamentos de venda **sob prescrição** fica restrita aos meios de comunicação dirigida.*

(43) *Este projeto contempla um servidor de vídeo **sob demanda**, capaz de atender a até 200 requisições.*

(44) *PS3 poderá ser vendido **sob encomenda**.*

Em alguns outros exemplos, apesar da ausência de informação explícita sobre o controle exercido pelo MR, basta avaliarmos a natureza e o significado daquela entidade para entendermos como o sentido se manifesta. Em (45), entendemos que a questão colocada está sujeita às normas e princípios do sistema socialista. Em (46) e (47), o clipe e o aplicativo estão sujeitos à licença dada pelas entidades em controle - "Creative Commons", que sabemos ser uma gravadora, e GPL, uma marca ou empresa de software.

(45) *Democracia: O direito à creche e a questão do aborto **sob o socialismo**.*¹³

(46) *Pearl Jam lança clipe **sob Creative Commons** ...*

(47) *"Live Messenger" Lancado **sob GPL***

4.3.2. USO ESPACIAL 2: Algum tipo de *deformação* decorrente de excesso de pressão exercida verticalmente sobre um VR é uma situação bastante corriqueira em nossa experiência. /246

(48) ***Sob os pés** a terra mole cede, cobrindo os joelhos do menino e os do pai.*

Esse efeito é tão recorrente em nossa experiência, que passamos a associar o peso do MR a certo potencial de risco em situações como a descrita em (17) - *Além do risco às pessoas que trabalhavam **sob a laje quebrada ao meio** ...* - em que a deformação é evitada pela distância entre o MR e o VR.

Mas, em (48), a estrutura do VR "terra mole" é afetada pela pressão do MR. Por recorrência, acabamos associando essas duas experiências no nível conceitual e isso fornece um vínculo robusto a permitir usos em domínios menos "concretos", gerando colocações comuns no PB, como "sob a forma de" e "sob medida". Observamos que, no domínio físico, já não importa o componente de verticalidade, precisamente porque a motivação principal para a projeção é a deformação a que o VR está sujeito. Da cena espacial primordial está em foco não a orientação das entidades no espaço, mas o efeito resultante da configuração.

EFEITO EXPLÍCITO 1.: Vejamos alguns exemplos, que incluem essas e outras expressões mais ou menos fixas. Na verdade, não é o efeito propriamente dito que aparece explícito, mas o produto do efeito (modelo, forma, padrão).

(49) *Ferramentas estatísticas estão presentes no sistema **sob a forma de cálculos de gráficos**.*

(50) *O aviso pode ser dado **sob a forma de uma carta, e-mail ou ofício**.*

(51) *Importação **sob a forma de doação**.*

(52) *É simples desenhar uma chave **sob medida**.*

(53) *País tem 500 mil certificados digitais emitidos **sob padrão**.*

(54) *Sob modelo aparentemente democrático, mantinham aberto o Parlamento e admitidos os Partidos Políticos, mas, em verdade, praticavam regime de dominação.* /247

EFEITO EXPLÍCITO 2: A pressão que uma entidade física exerce sobre aquela na qual repousa pode ser comparada a uma *ação exercida* com potencial de afetar o R. Isso é possível porque, levando em conta a idéia de que eventos e ações são conceptualizados como *objetos* (Lakoff e Johnson, 2003 [1980] :31), com limites bem definidos, ações e eventos assumem o papel de MR, como nestes exemplos, com ou sem o termo explícito. Assim como 'uma pressão exerci da, a estrutura desses objetos - eventos - ações (MR) inclui um agente, algum tipo de força ou influência, uma direção para a força exerci da e um alvo dessa força. Da mesma forma que no domínio concreto, esse alvo é o VR.

Facetas distintas da ação podem ser postas em evidência: a "ação" ou "influência", seguidas de especificação do agente, como em (55) a (56); de (58) a (62), o tipo de ação aparece no verbo nominalizado; em (57) e (58), o foco está no resultado final do processo.

(55) *Yahoo! muda home page sob influência da web 2.0.*

(56) *Combinados com íons de terras raras, poderiam se resfriar sob a ação de um processo chamado emissão ...*

(57) *Sob efeito de leilão do BC, dólar sobe e fecha a R\$ 2,20.*

(58) *Avaliação de alvos em áreas sob desertificação no semi-árido é a primeira etapa do projeto a ser considerada.*

(59) *Evolução da salinidade no solo **sob cultivo de melão** irrigado foi alvo de intensa pesquisa.*

(60) *Vendo hoje as imagens de Beirute, **sob o bombardeio indiscriminado** do Exército de Israel, vemos imagens de um passado que parecia um pesadelo...*

(61) *Armazenamento de abacaxi "smooth cayenne" minimamente processado **sob refrigeração** e atmosfera modificada.*

(62) *Foram selecionados do IPM todos os pacientes neurológicos que estavam **sob atendimento fisioterapêutico** domiciliar no período estabelecido na pesquisa.*

/248

Eventos que não dependem diretamente de um agente também pertencem a essa categoria, como as construções abaixo, em que o VR está submetido a condições meteorológicas.

(63) *Novos incêndios castigam Califórnia **sob calor extremo**.*

(64) *A largada da categoria Pró aconteceu às 8h em ponto **sob um forte frio**...*

4.4. Diante de

USO ESPACIAL: A homonímia, com certeza, não explica porque um item lexical evoca a noção de ocultação e, também, de transparência ou visão. Mas, se, por outro lado, considerarmos a importância de nosso aparato visual nas inúmeras atividades que desempenhamos no dia-a-dia, é apenas normal que os olhos sirvam, comumente, como referência física a partir da qual uma série de objetos e eventos sejam conceptualizados. E nada é mais previsível do que assumirmos, como

pomo de vista ("*viewpoint*", Langacker, 2001) canônico, a posição superior destinada aos olhos em nosso corpo ..

(65) *À noite, ele abria as [anelas das venezianas, acendia todos os bicos-de-gás e se punha à mesa, todo de branco com um livro aberto **sob os olhos**. (e não "sob a cabeça")*

SENTIDO CONVENCIONALIZADO: Por uma alteração na orientação do esquema espacial em (66), é possível conceptualizar a cena como se passando "diante dos olhos". Trata-se realmente de um sentido convencionalizado - "diante de", em função da nova orientação espacial (horizontal), que se distingue de "coberto por" pela posição do conceptualizador, que, nesse novo eixo, encontra-se voltado para o VR. Além disso, o conceptualizador é o próprio MR.

(66) *Atlético enfrenta o Vasco **sob os olhares atentos** de Vadão.* /249

Por co-relação de experiências, freqüentemente identificamos o ver" com a idéia de "conhecer" ou "analisar" (ver seção 1.2.). Esse processo foi investigado por Sweetser (1990). Através de exemplos da língua inglesa ("seeing is believing", "eye-witness"), a autora discute como as culturas de língua inglesa - e muitas outras - revelam, através da linguagem, "a visão como uma das fontes de informação mais confiáveis que temos". Esse efeito gera uma série de usos como os que veremos a seguir:

EFEITO EXPLÍCITO 1: Nesta categoria, ficam incluídos os usos com expressões que apenas indiretamente remetem aos olhos, que evocam a ação realizada não apenas por meio deles:

(67) 687 *candidaturas estão **sob investigação** pelo TRE.*

(68) O curso médico **sob prova**: *Teste do progresso mostra que salto no ...*

(69) Reforma **sob o crivo** dos reitores.

(70) Disponível lista de apresentações de medicamentos **sob análise**.

EFEITO EXPLÍCITO 2: Sabemos, ainda, que o olhar é individual. Há uma grande diferença entre o olhar de um técnico de futebol e o de um leigo, por exemplo, sobre uma mesma cena. De forma semelhante, construímos *opiniões* pessoais de acordo com nossas experiências. Tudo depende dos aspectos que consideramos importantes, os quais focalizamos. E assim como, no mundo físico, consideramos algo mais ou menos arredondado, mais ou menos azul, levando em conta esquemas que variam de indivíduo para indivíduo, também realizamos nossos julgamentos sobre decisões a serem tomadas, eventos históricos ou governos. Em suma, essas opiniões (ou esquemas formados a partir da experiência) são estruturadas conceptualmente da mesma forma que impressões perceptuais da visão.

(71) É *preciso efetivá-las e ampliá-las **sob a ótica** de novos conceitos e objetivos*. /250

(72) *Memórias reconstruídas: a Segunda Guerra **sob o olhar** de um ex-combatente.*

(73) *Ele analisa os anos Reagan **sob o prisma** da ideologia de esquerda.*

4.5. Duração

USO ESPACIAL: Como mencionado na seção 2.1, o tempo é um

conceito básico que, no entanto, carece do suporte em outro domínio de experiências para ser expresso (Lakoff e Johnson, 2003 [1980]). Existem importantes referências sobre essa associação no campo da semântica. Pottier (1962), por exemplo, propõe representações semelhantes para os esquemas de espaço, tempo e noção, para cada uma das preposições que descreve.

Uma das razões aparentes para essa associação foi descrita por Tyler e Evans (2003) a respeito do sentido temporal da preposição "over" da língua inglesa. Trazendo a perspectiva desses autores para a atual análise, a associação entre os conceitos de tempo e espaço seria motivada por co-relação de experiências, em uma situação como em (74). Primeiramente, existe a distância percorrida de um lado ao outro do MR. A outra experiência é subjetiva: a passagem do tempo. Vivenciamos esse efeito em tudo o que ocorre na vida e, nesse tipo de evento em particular, não é possível percorrer qualquer distância em uma fração pontual de tempo. Por essa razão, a idéia de *duração* é tão fortemente ligada à de *distância*.

(74) *Vislumbram a passagem da Berlinda, que se deslocava lentamente sob o túnel verde das mangueiras de Belém.*

Além disso, ainda retomando Johnson (1987), eventos são conceptualizados como objetos com extensões delimitadas e, assim, ocupam facilmente a posição de MR.

SENTIDO CONVENCIONALIZADO: Por força desses dois fatores, encontramos usos como os que vêm a seguir. Neles, o significado

obtido parece ser "durante" ao. contrastarmos com "antes" ou "após".

Ao que parece, dos sentidos temporais descritos por Pottier ("durante" e "após"), apenas o primeiro está presente no PB moderno. Entre os usos temporais de "sub" no latim, Pottier cita "*sub noctem*", que se traduz por "durante a noite". Segundo ele, essa seria uma conceptualização espacial do tempo, em que o evento ou o tempo de duração deste são conceptualizados como um objeto, e a entidade a que Langacker denomina VR estaria situada abaixo de tal objeto.

No PB, a preposição vem normalmente seguida pelo sintagma nominal "período" - que, por si só, já evoca "duração" -, em uma construção mais ou menos fixa e sem concorrentes na língua. A mim parece que "sob" delimita um período de influência do MR sobre o VR, e, portanto, pode ser traduzido como "durante".

Na sequência de exemplos abaixo, a influência poderia ser explicada da seguinte forma:

- a gratuidade afeta o valor do contrato dos jogadores;
- a validade dos direitos autorais afeta o uso que se faz desses mesmos direitos;
- o período escolhido afeta os resultados da análise;
- a garantia interfere na relação cliente-produto-empresa.

(75) *A definição acima exclui jogadores que ainda estão **sob o período de gratuidade**,*

(76) *Não encontramos nestes sites até agora nenhum destaque a iniciativas de doação de direitos de livros de autores consagrados ainda em vida ou **sob o período de***

validade dos direitos pelos seus detentores.

(77) *Concluindo, como vimos, **sob o período analisado** há uma conjunção, extremamente perversa para os níveis de emprego, de cinco fatores.* /252

(78) *As previsões exatas sobre a quantidade de produtos que serão retornados sob o período de garantia podem trazer grandes benefícios às empresas.*

Encerrando a análise, apresento, a seguir, um diagrama que resume os processos e os efeitos de sentido encontrados. O esquema espacial "em posição inferior a" é o sentido sancionador e está representado no retângulo sombreado duplo no centro. Outros sentidos convencionalizados aparecem nos demais retângulos sombreados. Mudanças na perspectiva aparecem nos retângulos com linhas pontilhadas. Os efeitos da configuração estão nas elipses escuras quando explícitos e, nas claras, quando implícitos. Finalmente, exceto quando assinalado, o observador está externo à cena.

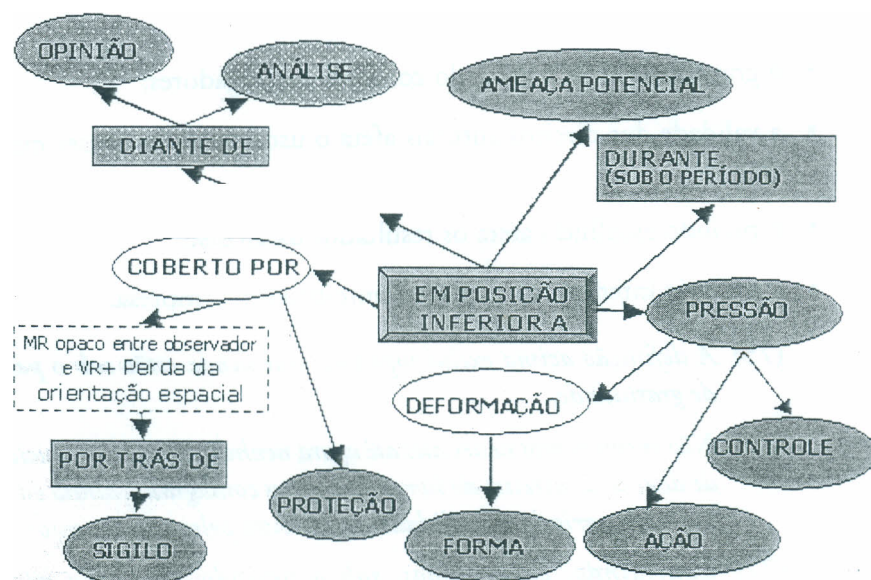


Fig. 2: Modelo de extensão semântica cognitivameme motivada para a preposição "sobre". /253

5. Conclusão

Acredito ter respondido, em grande parte, ao primeiro questionamento levantado na introdução: o gelo, o socialismo e o olhar de Djanira Machado, entre outras entidades de domínios diversos, podem todos ocorrer como complemento da preposição "sobre", porque, de algum modo, evocam efeitos vivenciados em experiências físicas, das quais abstraímos o esquema "VR em posição inferior ao MR". Outras entidades, como "aplausos", compartilham estruturas, de certo modo, semelhantes àquelas que, no domínio físico, ocorrem como marco no esquema relacional evocado por "sobre".

Além disso, sobre as relações que podem ser evocadas pelo item lexical "sob", a análise dos dados demonstrou que poucos são os sentidos realmente convencionalizados que podem ser lidos nessa preposição, sendo três deles espaciais e um metafórico, na acepção temporal. Em todos os outros usos, o significado é distribuído na construção.

Foi demonstrado, contudo, que esses sentidos não representam casos de homonímia. Todos os usos fazem parte de uma mesma rede polissêmica interligada, cuja emergência foi abordada e descrita de maneira sistemática, com base em processos cognitivos que compreendem a percepção de vinculações de esquemas imagéticos, a associação de experiências e sensações percebidas, a percepção de semelhanças entre entidades, a conceptualização de entidades abstratas por mapeamentos oriundos de estruturas do domínio espacial e, finalmente, mudanças na perspectivação (tomada de nova orientação espacial e alteração na localização do conceptualizador em relação à cena).

Além disso, obedecendo a critérios claros para a delimitação de sentidos convencionalizados, sentido sancionador e significado contingente, pude demonstrar a sistematicidade que permeia o processo de extensão semântica envolvendo mecanismos de metáfora conceptual, ficando contestada, mais uma vez, a arbitrariedade desses novos sentidos.

Também foi assumido que a convencionalização do emprego da preposição analisada em novos contextos foi possível em função da /254 recorrência de situações semelhantes, que permite o

entrincheiramento de novos esquemas. Entre esses esquemas convencionalizados, a maioria ocorre em construções em que o efeito de sentido percebido aparece explícito, como em "sob controle", "sob a forma de", "sob pressão", etc., Tais construções são altamente recorrentes no PB.

De um modo geral, com esta análise, foi possível corroborar e aprofundar a visão de linguagem e cognição proposta por Johnson e Lakoff, os quais ressaltam que esquemas imagéticos e projeções metafóricas são estruturas experienciais do significado, essenciais para a maior parte de nossa compreensão e raciocínio abstratos. Também ficou claro o papel do conceptualizador e dos vários elementos da perspectivização na construção do significado, como discutido por Langacker. Com respeito a essa noção de cognição corporificada, pude apresentar um esquema emagrecido espacial oriundo da experiência corpórea, sancionador dos sentidos convencionalizados da preposição "sob", isoladamente e em construções.

Alguns desses processos são facilmente identificáveis, enquanto há outros cuja ligação com o sentido espacial já se afastou a ponto de não nos permitir fazer afirmações muito precisas. Contudo, acredito que esta tenha sido uma demonstração coerente de como, através da investigação sincrônica da linguagem em uso, é possível demonstrar sua ligação com a cognição humana como um todo.

Finalmente, deixo claro que não há, neste estudo, alegação da existência de apenas um sentido espacial central, do qual os demais derivem historicamente, embora seja provável que o número desses esquemas espaciais originais seja pequeno. Esclareço, também, que há

outros efeitos a serem explorados, como o uso nocional da partícula
"sub". /255

Referências

BRUGMAN, Claudia. *Story of over*. Dissertação de mestrado, University of California, Berkeley. 1981.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.256 p. il.

GRADY, Joseph E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese de Doutorado. University of California, Berkeley. 1997.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles, MELLO FRANCO, Francisco M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1~87. 256
KWIC Google - Formataador de resultados do buscador Google - <http://www2.lael.pucsp.br/lcorpora/google/index.html>- acesso em 30.06.2006 e 25.07.2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the*

embodied mind and its challenge to western society. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metaphors we live by*. ed. revista e acrescentada de pós-fácio. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *A course in cognitive grammar*. University of California in San Diego. 2004. First preliminary draft.

_____. Viewing and experimental reporting in cognitive grammar. In: SILVA, Augusto. *Linguagem e cognição*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 2001.

_____. *Grammar and conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000a

_____. A dynamic usage-based model. In: M. BARLOW; S. KEMMER (org.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000b.

_____. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1991.

_____. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v1.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 24 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1984.

OLIVEIRA, Aparecida A. *O que há em "em"? O papel do trajecto na*

construção do significado. Manuscrito, 2005. /258

POGGIO, Rosauta M. G. Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002. 303 p.

PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992. 85p.

POTTIER, Bernard. *Systématique des elements de relation: étude de morphosyntaxe romane*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1962.

SINHA, Chris, JENSEN de LÓPEZ, Kristine. Language, culture and me embodiment of spatial cognition. *Cognitive Linguistics* 11, 2000 (p.17 - 41)

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

TAYLOR, John R. *Cognitive grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TYLER, Andrea; EVANS, Vyvyan. *The semantics of English prepositions: spatial scenes, embodied meaning and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Notas

¹ Meus agradecimentos à Profa. Dra. Heliana R. Mello, pela detalhada leitura deste artigo e por seus pertinentes comentários sobre a análise dos dados.

² A opção pelo adjetivo "lexical", em vez de "gramatical", não tem nada de arbitrário. Busco consonância com uma perspectiva teórica que nega a modularidade na língua, postulando a inexistência de limites definidos entre léxico e sintaxe. Além disso, por ser este um estudo semântico, entendo que os processos envolvidos na polissemia de preposições também explicam o surgimento e a convencionalização de sentidos novos para outras categorias lexicais, como nomes e verbos.

³ Em discussões sobre referencialidade e dêixis, esse autor demonstra como mecanismos lingüísticos nos fazem evocar o conceito que temos de uma entidade, e não a entidade em si mesma, e como esse conceito pode remeter a outras informações necessárias à compreensão do discurso.

⁴ O termo "imaginação" tem aqui o mesmo sentido dado por Lakoff e Johnson (2003[1980]), que é a capacidade humana de conceptualizar por meio de mapeamentos metafóricos.

⁵ Essa perspectiva sobre cognição e memória está relacionada a uma mudança na própria definição de "mente". Para Langacker (1987: 100 e 162), ela é o resultado de processamento cerebral e um "conceito" é um "padrão estabelecido de atividade neurológica".

⁶ Devemos destacar, contudo, que minha conceptualização da cena é afetada, de certo modo, pelo esquema de verticalidade mais comum, aquele derivado de nossa posição vertical apoiada sobre os pés, com a cabeça voltada para cima.

⁷ CUNHA, Antônio Geraldo da. Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho *et alii*, Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. 2.ed. rev. e acres. de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 839 p.

⁸ LINDSAY, W. M. *A short historical Latin grammar*. 2. ed. Oxford: Clarendon, 1937. 224 p.

⁹ FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958. 524 p.

¹⁰ A noção de que essa forma expressava movimento é tão questionável nos exemplos do latim, reproduzidos de outros autores, como o seria com relação aos usos do PB atual: *sub iugum mittere* (passar sob o jugo), *sub terras ire* (ir sob as terras) /256 (p. 223). Normalmente, o sentido de movimento é evocado, no contexto, por outros itens lexicais, especialmente o verbo. Isso se deve ao fato de que o movimento implica o desenrolar de uma situação no tempo, o que é uma característica de verbos e não de preposições.

¹¹ Neste artigo, o termo "ponto de vista" é empregado no sentido de "*viewpoint*" (Langacker, 1987), e inclui o "ponto de vantagem" - de onde se observa - e a orientação assumida. Essa última seria alterada no caso de o conceitualizador / observador estar de cabeça para baixo.

¹² Um grupamento de sentidos não pressupõe, necessariamente, um novo sentido convencionalizado para a preposição. O que está em jogo é a razão de certas entidades (representadas por sintagmas nominais) aparecerem em construções metafóricas com "sob".

¹³ Os dados não forneceram qualquer ocorrência de "sob a democracia". Isso, muito provavelmente, deve-se ao fato de, normalmente, não associarmos o ingrediente "repressão" a nossos esquemas de "democracia" (Profa. Dra. Solange Vereza (UFF), comunicação pessoal).